

DO DIREITO DE IR À ESCOLA AO DIREITO DE APRENDER OS ENSINAMENTOS DA ESCOLA

Giselly Jordan Virginia Portella

SEEC – Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte
SME – Secretaria Municipal de Educação do Natal

gisellyportella@gmail.com

Resumo: O trabalho intitulado Do direito de ir à escola ao direito de aprender os ensinamentos da escola, propõe-se a reflexão sobre o papel da educação na construção da cidadania que deve ser construída dia após dia no chão da escola, sobre a retomada da esperança no aprender e a formação do profissional como elemento essencial para a efetivação desses elementos. Para tanto, essas reflexões foram possíveis mediante a iluminação de autores como Freire (1967, 1996, 2013) e Grossi (2006) os quais advogam a favor da esperança que deve existir em nossas salas de aula e assim combater os discursos de fracasso que os alunos do Ensino Fundamental, especificamente os da rede pública de ensino, que chegam ao quarto e quintos anos sem estarem alfabetizados ouvem. A necessidade de se pensar na aquisição da leitura e da escrita como elementos fundantes da cidadania e que a esperança e cidadania só pode ser vividas e compartilhadas em sala de aula se o profissional da educação mantiver seu compromisso em se profissionalizar, em respeito a sua prática e, sobretudo em respeito aos alunos que por natureza são inteligentes e capazes de aprender.

Palavras-chave: Educação. Esperança. Cidadania.

INTRODUÇÃO

Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar ao estudante a aquisição da leitura e da escrita, ou seja, aquisição da competência leitora o que lhe confere autonomia para aquisição e desenvolvimento de outras aprendizagens, porém o que tem sido verificado com frequência são salas de aula de quarto ano do Ensino Fundamental repletas de estudantes não alfabetizados, ou seja, estudantes que frequentaram o chamado ciclo de alfabetização e não aprenderam o que lhe era direito.

Essa realidade foi aferida na PENAD 2017, onde, dentre outras coisas, desvela-se a realidade de que frequentar a escola por logas anos não garante o direito às aprendizagens básicas. Com isso, entende-se que das políticas educacionais que democratizam o acesso a escola e a efetivação da aprendizagem escolar ainda temos muito que pensar e o que fazer.

Nos últimos anos, vivenciamos no país o Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, pacto este que anunciou que a alfabetização deveria se consolidar entre o 1º e 3º ano do Ensino Fundamental, em conformidade com as Diretrizes Curriculares para

Educação Básica. É certo que em meio a tanto descaso com a Educação em nosso país, todas as iniciativas em prol da Educação devem ser valorizadas e acolhidas pelos seus profissionais, professoras e professores, porém, o referido pacto não trouxe muitas diferenças no que já existia no que diz respeito à teoria da aprendizagem que norteia a prática educativa.

Isso autoriza afirmar que não houve muitas mudanças quando observamos o quadro de alfabetismo dos estudantes do Ciclo de Alfabetização (1º ao 3º ano). São os resultados das aprendizagens dos alunos que chegam ao 4º e 5º anos, ainda sem a consolidação do esquema da alfabetização que traz preocupação e chama a atenção para o tipo de aprendizagem oferecida nas escolas. Assim sendo, é urgente que a professora ou o professor adote uma postura comprometida com esses alunos e fomente o desejo e esperança de aprender a ler e a escrever, possibilitando-os uma trajetória de sucesso e cidadania.

Diante do exposto, refletiremos sobre o papel da educação na construção da cidadania que deve ser construída dia após dia no chão da escola, sobre a retomada da esperança no aprender e a formação do profissional como elemento essencial para a efetivação desses elementos.

ALFABETIZAÇÃO, ESPERANÇA E CIDADANIA

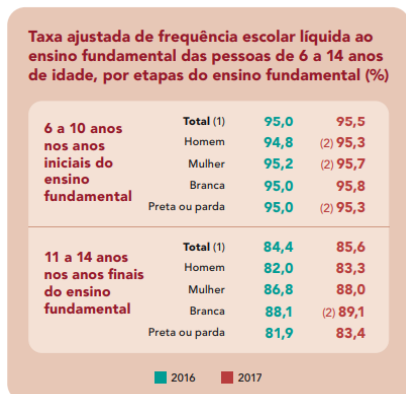
Alfabetizar é oportunizar o direito à cidadania plena, uma vez que o conhecimento do código escrito abre caminhos infinitos para diversos conhecimentos. O professor alfabetizador, especialmente o da rede pública de ensino, deve buscar oportunizar saberes para além de sua aplicabilidade no ambiente escolar, ele deve abrir caminhos para o conhecimento que promove transformação na vida do cidadão que se encontra anos e anos nas salas de aula e por determinado motivo não aprende.

Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apontam que a taxa de analfabetismo no Brasil foi de 7,2% em 2016 e 7,0 em 2017. Analisando por região, o destaque vai para a região Nordeste onde em 2016: 14,8 da população de idade de 15 anos ou mais não sabia ler nem escrever e em 2017: 14,5. Esses dados apontam a precariedade do serviço oferecido aos estudantes (PNAD 2017, 2018).

O mesmo Instituto, por meio da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, contínua de 2017, aponta que o analfabetismo é identificado não apenas entre as pessoas que não frequentam as escolas, mas por um relevante número da população que a frequenta por longos anos e no período regular de estudo.

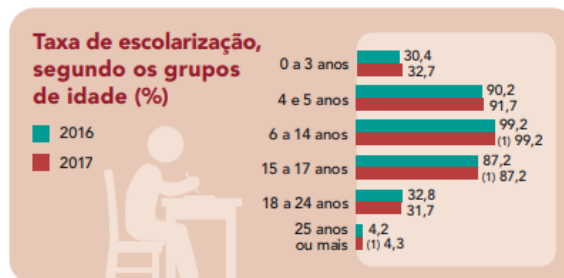
As imagens abaixo ilustram essa realidade:

Imagem 1: Frequência ao Ensino Fundamental



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra De Domicílios Contínua 2017, 2018.

Imagem 2: Frequência à escola ou creche



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra De Domicílios Contínua 2017, 2018.

Diante do exposto, podemos inferir que os programas de alfabetização, como o citado PNAIC, criado em 2013, lamentavelmente não tem logrado efetivos frutos. Diante dos resultados, é preciso reflexão dos profissionais que pensam e fazem a educação brasileira.

Chegando mais próximo ao chão da escola, vemos alunos desmotivados, por vezes indisciplinados, pois o que se ensina em sala não dialoga com sua realidade e necessidade, professores desmotivados, escolas com estruturas físicas (mesas e cadeiras inadequadas para as dinâmicas de aprendizagem, salas quentes, dentre outros fatores) e podemos até arriscar a dizer que ausência de profissionais efetivamente comprometidos/preparados com/para resultados eficazes. O resultado dessa soma é o que a pesquisa claramente registrou: alunos escolarizados e não alfabetizados.

Grossi (2006, p. 24 - 25) afirmou que

a formação de professor é o que se impõe com urgência máxima, pois o grau de 'desprofissionalização' dessa categoria de trabalhadores é muito elevado. Salários baixos, ausência de um sistema nacional de ensino no país, predomínio da ideia de que ser professor é exercer um ofício ou cumprir uma missão para o qual se nasce ou não vocacionado. Estamos longe de considerar que ser professor é professar um conjunto de conhecimentos, conhecimentos estes inerentes às responsabilidades de garantir um produto social de grande importância qual seja o construção de conhecimentos para um cidadão do terceiro milênio.

É preciso ensinar saberes que modifiquem a vida de cada indivíduo presente em sala de aula para que haja motivação para frequentar a escola e ter prazer em aprender. Essa motivação deve ser estimulada pelo professor, pois ele sendo o profissional da educação, tem em suas mãos as metodologias e teorias para tal. Quando o professor percebe sua

responsabilidade na transformação social que a educação pode proporcionar na vida daquele estudante, sua forma de trabalhar muda, pois ele passa de indivíduo que dá aulas a profissional que fomenta o saber.

Nesse sentido, Freire (1996, p.26) ao destacar que ensinar exige rigorosidade metódica afirma que “ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”. É esse conhecimento e articulação teoria prática que requer da professora/professor o seu fazer transformador.

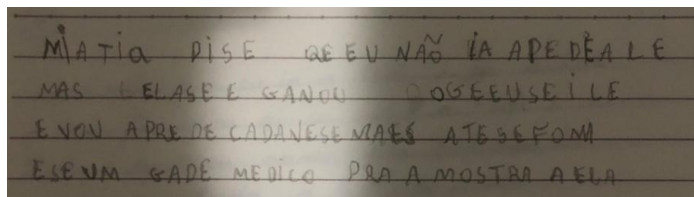
Despertar no aluno a sua capacidade em aprender a ler e a escrever, para que se perceba sujeito da história, sem esquecer a complexidade que é o caminho para essa aprendizagem escolar nos anos iniciais, a apropriação da leitura e da escrita é o mesmo que desabrochar a esperança no desesperançado. Freire (1967) destaca que o aprendizado da leitura e da escrita, por parte do alfabetizando o faz entender o seu papel no mundo, como sujeito e não como mero objeto. Quando o estudante se vê capaz de aprender ... ele ver significado na escola, na sala de aula. A rebeldia antes vista como indisciplina e desinteresse alcança outro patamar.

Os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, que não aprendem o que ansiosos foram buscar na escola, requer dos profissionais da educação atenção, compromisso e competência para desmistificar o suposto pensamento de que eles não querem nada. Cabe ao professor devolver-lhes a esperança de aprender. Freire (2013, p 10) afirma que a esperança “enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança prática para tornar-se concretude histórica”.

De encontro a essa necessária esperança que deve florir no dia a dia das salas de aula, alunos tem encontrado outras práticas que ao invés de motivá-los a aprender, os colocam em uma posição de recuo e por vezes rejeição ao aprendizado. A esperança emanada pelo professor parte do princípio de que “todos nós, seres humanos, somos igualmente inteligentes, [...] é a única coisa que um professor não pode ignorar e a única coisa sem a qual professor algum pode ensinar qualquer coisa que pretenda ensinar.” (GROSSI, 2006, p. 24)

A seguir, registros de fragmentos de textos produzidos por um grupo de alunos do quarto ano de uma escola pública, quando perguntado se já ouviram algo de professores e/ou familiares que o fizeram acreditar que não seriam capazes de aprender e como eles se sentem ao se perceber aprendendo:

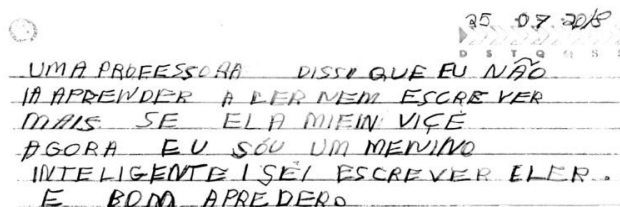
Imagem 1 – Escrita do aluno 1



Fonte: acervo da autora

Transcrição da escrita do aluno registrada na imagem 1: “Tia disse que eu não ia aprender a ler, mas ela se enganou e hoje eu sei ler e vou aprender cada vez mais até me formar e ser um grande médico para mostrar a ela”.

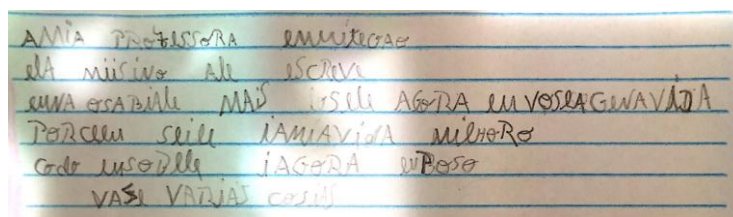
Imagem 2



Fonte: acervo da autora

Transcrição da escrita do aluno registrada na imagem 2: “Uma professora disse que eu não ia aprender a ler nem escrever, mas se ela me visse. Agora sou um menino inteligente e sei escrever e ler. É bom aprender”.

Imagem 3



Fonte: acervo da autora

Transcrição da escrita do aluno registrada na imagem 3: “A minha professora é muito legal. Ela me ensinou a escrever. Eu vou saber ler mais e sei ler e agora eu vou ser alguém na vida por que eu sei ler e a minha vida vai melhorar quando eu soube ler e agora eu posso fazer várias coisas”.

Imagem 4



data 25.07.2019
③③③③③③③③
GISELLE disse que eu ia PASSAR MAS A OUTRA PROFESSORA
disse que eu não ia passar mas eu vou passar
e eu vou ser dono do mundo e eu vou aprender a ler e escrever
ALEXANDRE MARCOS

Fonte: acervo da autora

Transcrição da escrita do aluno registrada na imagem 4: “Giselly disse que eu ia passar, mas a outra professora disse que eu não ia passar, mas eu vou passar e eu vou ser dono do mundo e eu vou aprender a ler e escrever”.

Imagem 5

NUNCA SABIA QUE EU IA APRENDER. EU APRENDI A LER E ESCREVER. A MINHA TIA DISSE QUE EU IA APRENDER E EU APRENDI. E EU VOU ARRUMAR UM TRABALHO E VOU ESTUDAR ATÉ APRENDER MAIS. VOU ENTRAR NA FACULDADE E APRENDER MUITO MAIS E EU SOU UM MENINO INTELIGENTE.
D O S T O R O S
Jôni Anderson de Almeida Escrito

Fonte: acervo da autora

Transcrição da escrita do aluno registrada na imagem 5: “Nunca sabia que eu ia aprender. Eu aprendi a ler e escrever. A minha tia disse que eu ia aprender e eu aprendi. E eu vou arrumar um trabalho e vou estudar até aprender mais. Vou entrar na faculdade e aprender muito mais e eu sou um menino inteligente.”

Imagem 6

UMA PROFESSORA UMAS VEZ ME DISSE QUE EU NÃO IA APRENDER
NADA E QUE NÃO IA CONSEGUIR NADA NA VIDA E NÃO SABERIA LER NEM
ESCREVER. ELA NÃO GOSTAVA DE MIM E ELA ERA CHATA. MAS HOJE EU SEI LER E ESCREVER

Fonte: acervo da autora

Transcrição da escrita do aluno registrada na imagem 6: “Uma professora uma vez me disse que eu não ia aprender nada e que não ia conseguir nada na vida e não saberia ler nem escrever. Ela não gostava de mim e ela era chata. Mas hoje eu sei ler e escrever”.

É oportuno destacar que o perfil dos estudantes autores dos textos acima é de repetentes, ditos agressivos, alguns em vulnerabilidade social e desmotivados com as fracassadas experiências escolares.

Ao apresentar esses registros, não se pretende enaltecer o trabalho realizado por uma referida profissional da educação, contudo objetiva-se reiterar o papel que o educador tem ao mostrar que todos são inteligentes e capazes de aprender. A retomada da esperança citada por Freire é o primeiro passo para o início das aprendizagens necessárias para conferir a cada um o papel de cidadão.

CONSIDERAÇÕES

A tarefa do professor de alunos que tem um histórico de não aprendizagens é possibilitar-lhes a oportunidade de experimentarem momentos pedagógicos nos quais descubram que aprender é possível a ele, enquanto ser humano, dotado de inteligência e capacidade, como qualquer um dos seus colegas de sala.

Para despertar a capacidade aprendente do aluno, o professor precisa conhecer os elementos necessários para motivar a turma em uma trajetória rumo ao conhecimento, com provocações coerentes com o perfil do alunado, respeitando os fatores antropológicos e sociais, pois cada aluno tem uma história que deve ser respeitada. Lembrar também que o aluno não aprender, não por que é burro ou por que não quer nada com a vida, frases bem comuns de serem ouvidas... mas não aprende por não ter recebido os estímulos corretos.

Ainda é tarefa do professor, fazer renascer a esperança nas vidas desses inumeráveis alunos que, entra ano e sai ano, não aprendem, por variados motivos dentre eles, a falta de competência profissional dos professores que os acompanharam. A esperança é renovada quando o aluno se vê como ser aprendente e as aprendizagens indispensáveis que o professor deve proporcionar são as que fomentam a cidadania, diariamente nas salas de aula e que vão muito além dos conteúdos encontrados nos livros.

Fica claro, diante do exposto até o presente que para proporcionar aprendizagens efetivas e transformadoras, cabe ao professor capacitar-se para fazê-lo, pois alfabetizar é uma tarefa eminentemente profissional.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em 01 de ago. de 2018.

_____. **LDB – Leis de Diretrizes e Bases.** Lei nº 9.394. 1996. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em 20 de ago. de 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática para liberdade.** Paz e terra: Rio de Janeiro, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro Paz e Terra, 2013.

GROSSI, Esther Pillar. **Qual é a chave?** Todos podem aprender. Porto Alegre: RS.

GEEMPA, 2006.

_____. **Aprender é formular hipóteses... Ensinar é organizar provocações.** Porto Alegre: RS. GEEMPA, 2006.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf. Acesso em 03 de ago. de 2018.